

Todos nós somos médiums?



Paulo Neto

Todos nós somos médiuns?

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Data publicação: 25/09/2019

PUBLICAÇÃO:

EVOC - Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 - CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina - Estado do Paraná

Todos nós somos médiuns?

Dados internacionais de catalogação na publicação

	Paulo Neto.
P355t	Todos nós somos médiuns ? / Paulo da Silva Neto Sobrinho; revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho. - Londrina, PR : EVOC, 2019. 85 p.
	1. Espiritismo. 2. Mediunidade. 3. Espiritismo - estudo e ensino. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Título
	CDD 133.9 19. ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Agradecimentos

Aos confrades
Hugo Alvarenga Novaes e
Francisco Rebouças
por todas as suas sugestões e
pelo incentivo ao nosso trabalho.

Índice

Prefácio.....	6
Introdução.....	9
Algumas definições.....	11
A quem se deve qualificar de médium.....	17
1 - Na codificação.....	17
2 - Autores clássicos e modernos do Espiritismo.....	51
3 - Obras de cunho mediúnico.....	58
Um bom exemplo de ser médium sem o saber.....	67
Deve-se provocar o desenvolvimento da mediunidade?.....	75
Conclusão.....	80
Referências bibliográficas.....	82

Prefácio

Sinto-me honrada pelo convite em prefaciá-lo um livro tão rico de conteúdo. E grata pela confiança depositada.

Paulo Neto é um estudioso da Doutrina Espírita, muito dedicado às pesquisas das obras básicas e subsidiárias, e autor de diversos livros, editados com o intuito de facilitar o aprendizado a quem queira esclarecimentos mais profundos sobre temas abordados por ele, em obras como: *“A Alma dos Animais: Estágio anterior à alma humana?”*; *“Kardec e Chico - dois missionários”*; *“As Colônias Espirituais e a Codificação”* e outras (títulos disponibilizados na última página).

Neste E-book ele discorre sobre o estudo da mediunidade, um tema que deve ser encarado com seriedade e atenção por todos que queiram expandir seus conhecimentos Espírita-Cristãos.

O Espiritismo nos explica quem somos; de onde viemos; para onde vamos e o que estamos fazendo aqui. E nos propõe a Fé Raciocinada.

Emmanuel nos alerta: *“Iluminemos o raciocínio sem descurar o sentimento. Burilemos o sentimento sem desprezar o raciocínio”*. (*Livro da Esperança*, cap. 17 -

Supercultura – Ed. Comunhão Espírita Cristã).

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

– Jesus. (João, 8: 32)

Na busca do conhecimento, mergulhemos na leitura deste livro, que nos ajuda a compreender: nossa condição de Espíritos imortais, como se processa o intercâmbio entre o mundo espiritual e o mundo físico e o papel que os fluidos perispirituais exercem nessa comunicação.

“Libertando-nos e crescendo em amor e conhecimento, na sementeira da Mediunidade com o Evangelho e o Espiritismo, venceremos o homem velho, que ainda habita em nós, para ressurgirmos na indumentária do homem espiritualmente novo, capaz de entender a Deus e afeiçoar-se aos seus desígnios”.
(*Mediunidade e Evolução* – Introdução – Peralva, Martins – Ed. FEB)

“Todos nós somos médiuns?”

A resposta você encontrará nas páginas deste e-book, cujo estudo e pesquisa o seu autor se debruçou e nos oferece em retribuição ao muito que tem recebido da Doutrina Espírita.

Que Jesus ilumine as mentes que buscam aumentar

seus conhecimentos sobre as Doutrina Espírita e seus fundamentos, e que obtenham como consequência, a expansão da consciência.

Charify Molaib Neto
Grupo Espírita Emmanuel
Belo Horizonte, MG

Introdução

Em **A Gênese**, capítulo XVII - *Predições do Evangelho*, especificamente no tópico “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão”, lemos esta passagem bíblica, que foi objeto de análise por Allan Kardec (1804-1869):

“Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. – Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão.”
(Atos 2,17-18; Joel 2,28-29).

Dos comentários de Kardec, transcrevemos o seguinte trecho:

É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; a predição, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, pois que sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso, conforme está dito, acontecerá nos *últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativas dos últimos tempos do mundo

moral que chega a seu termo. ⁽¹⁾ (grifo nosso)

Então, em meados do século XIX, segundo o Codificador, a profecia de Joel se cumpria, com a “vulgarização da mediunidade”, ou seja, sua popularização, que “se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições”.

Esse será o nosso ponto de partida, para buscarmos responder a questão proposta no título do presente ebook.

1 KARDEC, *A Gênese*, p. 451-452.

Algumas definições

Inicialmente, antes de adentrar no tema, é necessário que vejamos a definição do que seja um médium, pois, sem isso, não há como responder à questão proposta no título. Assim sendo, vejamos, primeiramente, em **O Livro dos Médiuns**, como o Espírito Erasto, ao responder à pergunta “O que é médium?”, definiu esse termo:

É o ser, indivíduo que serve de intermediário aos Espíritos, para que estes possam se comunicar facilmente com os homens, espíritos encarnados. Por conseguinte, **sem médium não há comunicações** tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer espécie que seja. ⁽²⁾ (grifo nosso)

Em **Instruções Práticas Sobre a Manifestação dos Espíritos**, Kardec, por sua vez, explica esse tema da seguinte forma:

MÉDIUM (do lat. *Médium*, meio, intermediário): **pessoas acessíveis à influência dos Espíritos**, e mais ou menos dotadas da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. Para os Espíritos, o

2 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 212.

médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento mais ou menos cômodo, segundo a natureza ou o grau da faculdade mediúnica. Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento. **Distinguem-se diversas variedades de médiuns**, segundo sua aptidão particular para tal ou tal modo de transmissão, ou tal gênero de comunicação. ⁽³⁾ (grifo nosso)

O mestre de Lyon, em **O Livro dos Médiuns**, resumidamente, disse: “*Médium* - (Do latim - *medium*, meio, intermediário.): Pessoa que pode servir de medianeira entre os Espíritos e os homens”. ⁽⁴⁾ e em **Obras Póstumas**: “Médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes”. ⁽⁵⁾

Em que pese a origem dessas duas definições, entendemos que lhes falta abrangência, porquanto o conceito de médium, a nosso ver, não deveria se restringir apenas à relação entre os homens e os Espíritos desencarnados.

Por que estamos dizendo isso? Pelo simples fato de que há, por exemplo, relatos de experiências com

3 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre a Manifestação dos Espíritos*, p. 196-197.

4 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 351.

5 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 62.

evocação de Espírito de pessoa viva, ocorridas em sessões da Sociedade Espírita de Paris, conforme se lê em alguns exemplares da *Revista Espírita* (6).

Podemos ainda ver esse fenômeno no cap. XXV de *O Livro dos Médiuns* o item 284, que trata exatamente da evocação de pessoas vivas. Julgamos que esses casos estariam fora da definição clássica, pois nela o termo “Espírito” refere-se aos já desencarnados.

Por outro lado, aceitando-se o que André Luiz narra, dando-nos notícias de reuniões mediúnicas no plano espiritual, nesse caso teríamos a existência dos Espíritos que são médiuns, que servem de intermediários a outros de esferas mais elevadas, às quais eles se encontram vinculados, conforme podemos apreender nas suas obras, situações também não contempladas na definição original.

Além disso, poderíamos destacar que a condição do médium ser ou servir de “intermediário” pode complicar um pouco a definição, haja vista, que é possível ele receber uma comunicação para si mesmo, e aí, a rigor, não teríamos essa função, a não ser que aceitemos que, nesse caso, ele, o médium, esteja sendo intermediário

6 Na RE 1860, há o artigo intitulado “Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas”, trata da evocação do espírito de Dr. Vignal, (KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 81-86). Outros casos de manifestação poder-se-ão ser vistos: RE 1859, p. 110, 127-128 e 197 (KARDEC, *Revista Espírita* 1859); RE 1860, p. 11-19, 37-38 e 173-174 (KARDEC, *Revista Espírita* 1860)

para si mesmo, digamos assim, hipótese que aceitamos sem problema algum.

Ademais, uma pessoa que esteja recebendo a influência de Espíritos se não conseguir perceber este fato, como geralmente acontece nos casos de obsessão, não seria, segundo essas definições, propriamente um médium? Seria o quê, então?

Segundo nosso modo de ver, a conjuntura dos fatos nos recomenda ampliar o atual conceito visando dar-lhe uma abrangência maior, de forma que possa abrigar todos os casos.

Assim, poderíamos dizer, conforme a hipótese que, particularmente, abraçamos, que **“médium seria o Espírito, encarnado ou não, que consegue captar ou sentir o pensamento de um outro, pouco importando a condição desse outro estar num corpo ou fora dele”**. O único aspecto condicionante seria de não estarem, o emissor e o captador, no mesmo plano dimensional em que o processo de comunicação habitual, entre os que nele se encontram, seja a transmissão de pensamento.

É certo que estamos avançando um pouco na definição, indo além do que consta nas obras da codificação, o que poderá causar espécie a alguns confrades; mas justificamos, lembrando o que, numa

certa ocasião, conforme se vê na **Revista Espírita 1866**, Kardec dizer:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão lhe colocar as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (7) (grifo nosso)

Por outro lado, sabemos que o Codificador afirmou que “a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito” (8) o que viria a contradizer, em parte, o que estamos propondo; entretanto, se ampliarmos, nessa frase, o significado de Espírito para considerá-lo em qualquer situação, ou seja, encarnado ou desencarnado, aí, sim, ela se ajustaria plenamente ao conceito sugerido em nossa hipótese.

Na obra de publicação da FEB intitulada **Instrução Prática das Manifestações Espíritas** (sic), lemos:

Mediunidade [do lat. *médium*, meio, intermediário, *-(i)dade*] – 1. **Faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais outras menos, de sentir a influência ou ensinarem a comunicação dos Espíritos.** Raros são os que não possuem rudimentos de

7 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.

8 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 142.

mediunidade. 2. Em alguns, **essa faculdade é ostensiva** e necessita ser disciplinada, educada; **em outros, permanece latente**, podendo manifestar-se episódica e eventualmente (v. *Medianimidade*). ⁽⁹⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Temos que tomar cuidado para não julgar que há pessoas que não têm mediunidade, uma vez que se coloca “quase a totalidade”, pois Kardec, como se vê, fala de mediunidade, em dois sentidos: no amplo, todos nós a temos, e no restrito, os que a faculdade é evidente.

9 KARDEC, *Instrução Prática das Manifestações Espíritas*, p. 27.

A quem se deve qualificar de médium

A quem poderíamos, especificamente, qualificar como médium? Vamos dividir este capítulo em dois itens, visando destacar o que consta nas obras da Codificação do que podemos encontrar nos autores clássicos e modernos do Espiritismo, bem como as informações que têm origem mediúnica. Nosso objetivo é separar as fontes dessa pesquisa que estamos empreendendo.

1 - Na codificação

Para elucidação, leiamos o que consta no capítulo V – Dos Médiuns, da obra *Instruções práticas sobre as manifestações dos Espíritos*, publicada em janeiro de 1858, o que nos leva a concluir que é a primeira vez que Kardec classifica os médiuns em dois tipos:

Toda pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo. Por essa razão raros são os indivíduos nos quais não se encontram ainda que simples rudimentos de mediunidade. Pode-se, pois, dizer que todas ou quase todas as pessoas são médiuns. Todavia, no uso corrente, esta qualificação não se aplica senão àqueles nas quais a faculdade mediúnica

é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende, então, de uma organização mais ou menos sensitiva. É preciso notar, além disto, que esta faculdade não se revela em todas as pessoas da mesma maneira. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

Temos aqui então as explicações, com as quais se pode distinguir os dois sentidos do termo médium.

Podemos dizer que no **sentido amplo**, todos nós somos médiuns, já no **sentido restrito**, somente aqueles nos quais essa faculdade é evidente, a ponto de produzir os fenômenos de efeitos físicos ou de transmitir o pensamento dos Espíritos, ou seja, é um médium ostensivo.

Isso fica mais claro quando Kardec trata novamente desse assunto na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro:

A mediunidade é uma faculdade múltipla, e que apresenta uma variedade infinita de nuances em seus meios e em seus efeitos. **Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos**

10 KARDEC, *Instruções práticas sobre as manifestações dos Espíritos*, p. 251.

mais insólitos fenômenos. Todavia, em seu uso ordinário, **essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande,** seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Em resumo, dessa transcrição, temos: médiuns **no sentido amplo**: todas as pessoas, enquanto que, médium **no sentido restrito** se refere aos que têm a mediunidade de forma ostensiva.

Para deixar tudo no lugar certo, vale a pena ressaltar o que Kardec reafirma: “Todo o mundo, dissemos, é mais ou menos médium; mas convencionou-se dar esse nome àqueles nos quais as manifestações são patentes, e, por assim dizer, facultativas.” ⁽¹²⁾

Cumpre-nos informar que a citação do livro *Instruções práticas sobre as manifestações dos espíritos*, transcrita um pouco mais acima ⁽¹³⁾, também consta de **[O Livro dos Médiuns](#)**, publicado em janeiro de 1861, que, como sabemos, veio em substituição àquele livro. Nele encontramos o texto nos seguintes termos:

11 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 29.

12 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 57.

13 KARDEC, *Instruções práticas sobre as manifestações dos Espíritos*, p. 251.

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. **Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada,** que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. [...]. ⁽¹⁴⁾
(grifo nosso)

Nosso objetivo em colocar isso, foi para ressaltar que Kardec, nessa sua nova fala, em vez de dizer “todas ou quase todas as pessoas são médiuns”, como consta da obra anterior, passou a afirmar que “todos são mais ou menos médiuns”, demonstrando agora que a variação se prende apenas quanto a seu grau, caso não estejamos enganados em nossa maneira de perceber.

Ademais, sendo uma faculdade inerente ao homem, como sobejamente se afirma, não há como não deduzir que todos a têm, daí, seguramente, poder-se dizer que todos nós somos médiuns.

14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.

Na **Revista Espírita 1858**, lemos:

Não foram os médiuns que criaram os Espíritos, estes existem de todos os tempos, e **em todos os tempos exerceram sua influência, salutar ou pernicioso, sobre os homens. Não há, pois, a necessidade de ser médium para isso.** A faculdade medianímica, para eles, não é senão um meio de se manifestarem; à falta dessa faculdade, fazem-no de mil outras maneiras. **Se esse jovem não fosse médium, não estaria menos sobre a influência desse mau Espírito** que, sem dúvida, tê-lo-ia feito cometer extravagâncias que não se poderiam atribuir a qualquer outra causa. ⁽¹⁵⁾ (grifo nosso)

A afirmativa de que “não há, pois, a necessidade de ser médium para isso”, ou seja, para receber a influência dos Espíritos, Kardec está, certamente, tratando do médium na forma restrita, o que nos leva a concluir, por conseguinte, que no sentido amplo todos nós o somos.

Encontramos ainda na **Revista Espírita 1858**, especificamente, no mês de fevereiro, esta fala de Kardec sobre o assunto:

Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, **não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente, e em diversos graus, numa multidão de**

15 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 274.

indivíduos, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; **o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe**, e não está longe o dia em que **veremos os médiuns surgirem de todos os pontos**, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às ideias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria. ⁽¹⁶⁾ (grifo nosso)

Aqui, nos parece, que Kardec, no mínimo, tem a todos nós como médiuns em potencial, ao dizer que “ela existe em estado latente” e “o princípio está em nós”, relacionando, desta forma, a mediunidade como sendo uma característica própria da Natureza humana.

Fato que, em outra fala, em ***O Livro dos Médiuns***, o Mestre de Lyon confirma: “Conquanto inerente à espécie humana, conforme já dissemos, **semelhante faculdade longe está de existir em todos no mesmo grau.**” ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

Percebemos que o Codificador foi claro ao dizer que é uma faculdade inerente ao homem, sem qualquer tipo

16 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 60-61.

17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 212.

de privilégio, concluindo, conforme consta em **O Livro dos Médiuns**, que “todos são mais ou menos médiuns”⁽¹⁸⁾, porquanto, segundo ele nos diz, todos nós recebemos influência dos espíritos, o que veremos um pouquinho mais à frente, quando citarmos a questão 459 e seguintes de *O Livro dos Espíritos*.

É bem provável que, em virtude disso, possamos ver a aplicação do que consta logo acima com isto que disse na Introdução de **O Livro dos Médiuns**:

Embora cada qual já traga em si mesmo os germes das qualidades necessárias, essas qualidades se apresentam em graus diversos, e o seu desenvolvimento depende de causas estranhas à vontade humana.⁽¹⁹⁾

Na **Revista Espírita 1858**, mês de outubro, há o artigo “Teoria do móvel de nossas ações”, do qual transcrevemos:

TEORIA DO MÓVEL DE NOSSAS AÇÕES

O senhor R..., correspondente do Instituto de França, e um dos membros mais eminentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, desenvolveu as, considerações seguintes: na

18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.

19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 10.

sessão de 14 de setembro, como corolário da teoria que acabara de ser dada a propósito do mal do medo, e que narramos mais acima:

“Resulta de todas as comunicações que são dadas pelos Espíritos, que **eles exercem uma influência direta sobre as nossas ações, em nos solicitando, uns ao bem, os outros ao mal.** São Luís acabou de nos dizer: ‘Os Espíritos malignos gostam de rir; mantende-vos em guarda; aquele que crê dizer uma coisa agradável às pessoas que o cercam, aquele que diverte uma sociedade por seus gracejos ou seus atos, se engana frequentemente, e mesmo muito frequentemente, quando crê que tudo isso vem de si. Os Espíritos levianos que o cercam se identificam com ele mesmo, e, com frequência, alternativamente o enganam sobre seus próprios pensamentos, assim como àqueles que o escutam.’ **Disso se segue que aquilo que dizemos não vem sempre de nós; que, com frequência, não somos, como os médiuns falantes, senão intérpretes do pensamento de um Espírito estranho que se identifica com o nosso.** Os fatos vêm em apoio dessa teoria, e provam que, muito a miúdo, também nossos atos são a consequência desse pensamento que nos é sugerido. O homem que faz mal cede, pois, a uma sugestão, quando ele é bastante fraco para não resistir, e quando **fecha os ouvidos à voz da consciência, que pode ser a sua própria, ou a de um bom Espírito que combate nele,** pelas suas advertências, a influência de um mau Espírito.

“Segundo a doutrina vulgar, o homem hauriria

todos os seus instintos em si mesmo; proviriam seja de sua organização física, da qual não poderia ser responsável, seja de sua própria natureza, na qual pode procurar uma desculpa aos seus próprios olhos, dizendo que isso não é sua falta, se assim acreditou. A Doutrina Espírita, evidentemente, é mais moral; ela admite no homem o livre arbítrio em toda a sua plenitude; dizendo-lhe que se faz mal, cede a má sugestão estranha, disso deixa-lhe toda a responsabilidade, uma vez que lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse que lutar contra a sua própria natureza. Assim, segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar o ouvido à voz oculta que o solicita ao mal, em seu foro interior, como pode fechar à voz material daquele que lhe fala; ele o pode por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária, e reclamando, para esse fim, a assistência dos bons Espíritos. E o que Jesus nos ensina na sublime prece do *Pater*, quando nos leva a dizer: ‘Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal.’”

Quando tomamos para texto de uma de nossas perguntas a pequena anedota que reportamos, não esperávamos o desenvolvimento que dela iria decorrer. Com isso estamos duplamente feliz, **pelas belas palavras que nos valeram de São Luís e de nosso honorável colega**. Se não estivéssemos edificados, desde há muito tempo, **quanto à capacidade deste último, e quanto aos seus profundos conhecimentos em matéria de Espiritismo**, estaríamos tentados a crer fora dele mesmo, aplicação de sua teoria, e que São Luís

dela se serviu para completar seu ensinamento. **A ela iremos juntar nossas próprias reflexões:**

Essa teoria da causa excitante de nossos atos, evidentemente, ressalta de todo ensinamento dado pelos Espíritos; não só ela é sublime em moralidade, mas acrescentaremos que reabilita o homem aos seus próprios olhos; mostra-o livre para sacudir um jugo obsessivo, como é livre para fechar sua casa aos importunos: não é mais uma máquina agindo por um impulso independente de sua vontade, é um ser de razão, que escuta, que julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, apesar disso, o homem não é privado de sua iniciativa; não age menos com seu próprio movimento, uma vez que definitivamente não é senão um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corpóreo, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. As faltas que cometemos têm, pois, sua fonte primeira nas imperfeições de nosso próprio Espírito, que não atingiu ainda a superioridade moral que terá um dia, mas que não tem menos seu livre arbítrio; a vida corpórea lhe é dada para se purgar de suas imperfeições pelas provas que sofre, e **são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que disso se aproveitam para tratarem de fazê-lo sucumbir na luta que empreende.** Se sai vencedor dessa luta, ele se eleva; se fracassa, fica o que era, nem mais mau, fiem melhor, é uma prova para recomeçar, e isso pode durar muito tempo assim. Quanto mais se depura, mais seus lados fracos diminuem, e menos se entrega

àqueles que o solicitam ao mal; **sua força moral cresce em razão de sua elevação, e os maus Espíritos dele se afastam.**

Quais são, pois, esses maus Espíritos? São os que se chamam os demônios? Não são demônios na acepção vulgar da palavra, porque se entende por aí uma classe de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal. Ora, os Espíritos nos dizem que todos melhoram em um tempo mais ou menos longo, segundo sua vontade; mas enquanto são imperfeitos podem fazer o mal, como a água que não está depurada pode espalhar miasmas pútridos e mórbidos. No estado de encarnação, depuram-se se fazem o que é preciso para isso; no estado de Espíritos, sofrem as consequências do que fizeram ou não fizeram para se melhorarem, consequências que sofrem também na Terra, uma vez que as vicissitudes da vida, ao mesmo tempo, são expiações e provas. Todos esses Espíritos, mais ou menos bons, quando estão encarnados, constituem a espécie humana, e, como a nossa Terra é um dos mundos menos avançados, nela se encontram mais maus Espíritos do que bons, eis porque nela vemos tanto de perversidade. Façamos, pois, todos nossos esforços para não voltarmos depois desta estação, e para merecermos ir repousarmos num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina sem divisão, e onde não nos lembraremos de nossa passagem neste mundo senão como um sonho mau. ⁽²⁰⁾ (grifo nosso)

Entendemos, que se, de fato, “não somos, como os médiuns falantes, senão intérpretes do pensamento de um Espírito estranho que se identifica com o nosso”, então fica evidente que todos nós, encarnados em um planeta de provas e expiações, estamos sujeitos à influência dos Espíritos, especialmente, os maus, porquanto, ainda não somos moralmente tão elevados para não sofrer a influência deles.

Em ***O que é o Espiritismo***, publicado em julho de 1859, numa de suas respostas ao céptico, Kardec disse-lhe:

Além disso, os médiuns são muito numerosos e é raríssimo, quando não o sejamos, não se encontrar algum em qualquer dos membros de nossa família, ou nas pessoas que nos cercam.

O sexo, a idade e o temperamento são indiferentes: eles aparecem entre os homens e mulheres, entre crianças, velhos, doentes e pessoas sadias. ⁽²¹⁾ (grifo nosso)

Vemos, nesse ponto, que Kardec está tratando o fato de “ser médium” no sentido restrito, dizendo que, na hipótese de não sermos médiuns no sentido restrito, é raríssimo não encontrarmos um à nossa volta.

21 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 107.

Isso que nos faz acreditar que Kardec, de forma direta, reafirma a questão de todos nós sermos médiuns, variando apenas a intensidade em que a mediunidade aflora em cada um de nós, seres humanos encarnados. É o que também concluímos desse texto publicado na **Revista Espírita 1859**:

Nossa alma que não é, em definitivo, senão um Espírito encarnado, **não é menos Espírito; se está momentaneamente revestida de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, embora menos fáceis que no estado de liberdade, não são interrompidas por isso de maneira absoluta**; o pensamento é laço que nos une aos Espíritos, e por esse pensamento atraímos aqueles que simpatizam com as nossas ideias e nossas tendências. ⁽²²⁾ (grifo nosso)

Ressalte-se que, pelo fato de estarmos encarnados, não há empecilho para que tenhamos relações com os Espíritos, decorrente, segundo acreditamos, exatamente da circunstância de todos nós sermos médiuns. Ou estamos indo além do sentido que se pode tirar desse texto?

Um pouquinho mais à frente, na **Revista Espírita 1859**, lemos:

22 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 30.

Estas considerações nos conduzem naturalmente à questão dos médiuns. **Estes últimos estão, como todo o mundo, submetidos à influência oculta dos Espíritos bons ou maus;** eles os atraem ou os repelem segundo as simpatias de seu espírito pessoal, e os Espíritos maus se aproveitam de todo defeito, como de uma falta de coragem para se introduzirem junto deles e se imiscuírem, com seu desconhecimento, em todos os atos de sua vida particular. ⁽²³⁾ (grifo nosso)

Observamos que Kardec aqui reafirma que todo mundo está submetido à influência oculta dos Espíritos bons ou maus, razão pela qual deduzimos que, sob este aspecto, todos nós somos médiuns para que isso aconteça.

No capítulo II - Noções elementares de Espiritismo de **O que é o Espiritismo**, há uma consideração que, se não tomarmos a mediunidade no sentido restrito, parecerá uma contradição de Kardec:

76. Um fato importante a considerar-se é que a obsessão, qualquer que seja a sua natureza, é independente da mediunidade, e que ela se encontra, de todos os graus, principalmente do último, em grande número de pessoas que nunca ouviram falar de Espiritismo.

23 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 31.

De fato, os Espíritos, tendo existido em todos os tempos, têm sempre exercido a mesma influência; **a mediunidade não é uma causa**, mas simples modo de manifestação dessa influência; pelo que podemos dizer com certeza que todo médium obsidiado sofre de um modo qualquer e, muitas vezes, nos atos mais comuns da sua vida, os efeitos dessa influência que, **sem a mediunidade, se manifestaria por outros efeitos, muitas vezes atribuídos a enfermidades misteriosas, que escapam às investigações da Medicina**. Pela mediunidade o ente maléfico denuncia a sua presença; sem ela, é um inimigo oculto, de quem se não desconfia. ⁽²⁴⁾ (grifo nosso)

Kardec, como vimos, afirmou que “**Médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos**”. Essa faculdade é inerente ao homem. [...]. ⁽²⁵⁾ (grifo nosso) Dai entendermos que a explicação acima só é coerente se tomarmos da mediunidade no seu sentido restrito.

Essa visão abrangente é o que, também, podemos encontrar em Channing, que, numa mensagem discorrendo sobre os médiuns, registrada em **O Livro dos Médiuns**, disse:

Todos os homens são médiuns. Todos têm

24 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 177.

25 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 169.

um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. **Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial**, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre uma voz que responde à vossa alma, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] Ouvi pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a **ouvir o vosso anjo guardião** que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos bons. **E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns.** ⁽²⁶⁾ (grifo nosso)

Pelo fato de todos nós termos um Espírito, que nos dirige para o bem, ao qual denominamos de “anjo guardião” ou “anjo da guarda”, se vê que o Espírito, autor dessa mensagem, considera a todos nós como sendo médiuns; dando, aos que o são de forma ostensiva, a condição de possuírem “uma mediunidade especial”, o que significa apenas tê-la em um grau maior.

A notícia sobre o anjo de guarda nos é dada em *O Livro dos Espíritos*, nas questões 489 a 492, que, mais à

26 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 331-332.

frente, iremos transcrevê-las. ⁽²⁷⁾

Em **O Céu e o Inferno**, confirma-se que todos nós temos um anjo de guarda, cuja influência sobre nós é quase sempre oculta:

Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo de guarda (guia) que por eles vela, na persuasão de suscitar-lhes bons pensamentos*, desejos de progredir e, bem assim, de espreitar-lhes os movimentos da alma, como que se esforçam por reparar em uma nova existência o mal que praticaram. Contudo, **essa interferência do guia faz-se quase sempre ocultamente** e de modo a não haver pressão, pois que o Espírito deve progredir por *impulso da própria vontade*, nunca por qualquer sujeição. ⁽²⁸⁾
(grifo nosso)

Quanto à expressão “raras são as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar” ⁽²⁹⁾, citada um pouco atrás na mensagem de Channing, não entendemos que, por isso, existem pessoas que não a tenha.

Entendemos, como sendo uma maneira de dizer que, mesmo que seja com alguns rudimentos, ninguém a

27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 238-239.

28 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p 103.

29 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.

deixa de ter, pois a afirmativa posterior de que “todos os homens são médiuns” parece-nos ser mais forte e, cremos, seja a intenção final de sua afirmação, a qual poderemos corroborar com outra fala do Codificador, constante de ***O Livro dos Médiuns***, item 182, quando diz sobre os médiuns inspirados:

Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas ideias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais difícil de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade. ⁽³⁰⁾ (grifo nosso)

A tradução de ***O Livro dos Médiuns*** que utilizamos para a transcrição do item 182, foi a do professor e jornalista José Herculano Pires (1914–1979), essa é a razão de acharmos interessante colocar a nota de rodapé que ele apôs sobre essa fala de Kardec:

Nunca prestamos a devida atenção aos nossos processos mentais. Kardec nos oferece neste livro, como repete no período acima, uma regra de ouro

30 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 154.

nesse sentido. A **psicologia** materialista vai hoje se aproximando desse princípio, **graças às pesquisas no campo da telepatia**. Embora ainda não considere o pensamento dos Espíritos, **já admite que recebemos constantemente pensamentos alheios**. A observação permite-nos dividir perfeitamente o pensamento que produzimos aos poucos em nossa mente dos que nos são sugeridos. ⁽³¹⁾ (grifo nosso)

Após esse nosso destaque, voltemos às explicações de ***O Livro dos Médiuns***, continuando a transcrição:

Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. Mas ela é principalmente a ajuda dos que desejam o nosso bem, e cujos conselhos rejeitamos com muita frequência. Aplica-se a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. **Nesse sentido pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos.** Se todos estivessem compenetrados dessa verdade, com mais frequência se recorreria à inspiração do anjo guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou fazer.

Que se invoque o Espírito protetor com *fervor e confiança*, nos casos de necessidade, e mais assiduamente se admirará das ideias que surgirão

31 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 154.

como por encanto, seja para auxiliar numa decisão ou em alguma coisa a fazer. Se nenhuma ideia surgir imediatamente, é que se deve esperar. [...].
(³²) (grifo nosso)

É interessante que muitas vezes comentávamos que, pelo fato de termos, cada um de nós, um anjo de guarda, que sempre nos acompanha, todos nós deveríamos ser considerados médiuns, pela condição de podermos receber seus conselhos.

Esse nosso pensamento não é diferente do que aqui se coloca ou do que consta nas obras *O Livro dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno*. Provavelmente, dizíamos isso, porque vinha à nossa mente o que lêramos nelas, fato que tira qualquer pretensão de nossa parte em ser o autor dessa ideia.

Na ***Revista Espírita 1865***, encontramos uma mensagem intitulada *Estudo sobre a mediunidade*, assinada por Georges, na qual esse Espírito diz:

A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; não é nenhuma exceção nem um favor, ela faz parte do grande conjunto humano, e, como tal, está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais; sofre o dualismo temível do instinto e da inteligência; possui seus

32 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 155.

gênios, sua multidão e seus monstros. ⁽³³⁾ (grifo nosso)

Confirma a mediunidade como uma faculdade que faz parte da natureza do homem, sem que haja qualquer tipo de exceção. Como se observa no que já transcrevemos, essa afirmativa foi, repetidas vezes, sendo enfatizada, fato que ainda se verá.

Ainda na **Revista Espírita 1866**, Kardec analisa um artigo extraído do jornal *la Discussion*, de Bruxelas (Bélgica) assinado por A. Briquel, do qual transcrevemos:

Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna próprios para servirem de intermediários aos Espíritos e produzirem com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação aos olhos de quem lhes ignora a explicação. Mas a faculdade medianímica não é o privilégio exclusivo de certos indivíduos; **ela é inerente à espécie humana, embora cada um a possua em graus diferentes, ou sob diferentes formas.** ⁽³⁴⁾ (grifo nosso)

Pelas considerações elogiosas que o Codificador faz desse artigo, dizendo serem perfeitos os pontos nele abordados, concluímos que ele endossou tudo quanto foi

33 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 115.

34 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 34.

dito, motivo pelo qual trouxemos esse trecho do artigo.

Ressaltamos a questão de ser inerente à espécie humana; portanto, todos nós a temos, variando apenas quanto ao grau e formas de sua manifestação, como já, por várias vezes, foi dito.

Outro artigo interessante é o intitulado *Mediunidade Mental*, constante da **Revista Espírita 1866**, no qual Kardec comenta o que lhe escreveu um dos seus correspondentes de Milianah (Argélia), dessa forma:

Esta mediunidade, à qual damos o **nome de *mediunidade mental***, certamente não é feita para convencer os incrédulos, porque ela nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que ferem os sentidos; ela é toda para a satisfação íntima daquele que a possui; mas é preciso reconhecer também que ela se presta muito à ilusão, e que é o caso de se desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, dela não se poderia duvidar; pensamos mesmo que deve ser a mais frequente; porque o nome de pessoas que sentem, no estado de vigília, a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento que sentem não ser o seu, é considerável; a impressão agradável ou penosa que se sente às vezes à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; **a penetração e a transmissão do pensamento, são também efeitos que se**

prendem à mesma causa e constitui uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, porque todos dela possuem pelo menos os rudimentos; mas para sentir-lhe os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial, ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos. **A esse título, como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes;** mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo mundo obter efeitos idênticos e ostensivos. ⁽³⁵⁾ (grifo nosso)

O que Kardec está comentando aqui é sobre uma pessoa que captava os pensamentos do seu guia espiritual, quando em estado de emancipação. Descreve, inclusive, que, nessa situação, recebia, até mesmo, visitas de outros Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados, com os quais entabulava comunicação mental.

É a isso que ele denomina de mediunidade mental, assegurando que “todos dela possuem pelo menos os rudimentos” e, na sequência, reafirma que: “como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium”.

Por outro lado, podemos também entender que

35 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 86-87.

Kardec ao dizer sobre a questão de sentir “os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial, ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos.” ele está falando exatamente da condição do médium no sentido restrito, pois é nele que se observa um grau de sensibilidade mais desenvolvido, a ponto da influência ter um efeito marcante.

Kardec recebeu uma carta da cidade de Marenes sobre uma manifestação antes da morte, conforme informa na **Revista Espírita 1868**, sobre a qual tece os seguintes comentários:

Há todo um estudo a fazer sobre esta carta. Nela vemos primeiro um encorajamento a orar pelos doentes, depois, uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar, nas circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar, estando-se entregue às próprias forças. **É talvez um dos gêneros de mediunidade o mais comum, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos médium sem disto desconfiar.** Seguramente, se cada um se reportasse às diversas circunstâncias de sua vida, observasse com cuidado os efeitos que sente, ou dos quais foi testemunha, **não há ninguém que não reconheça ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente.**

(³⁶) (grifo nosso)

Kardec aqui afirma que a mediunidade de inspiração é a mais comum e que não há ninguém que não a tenha, basta para isso analisar com cuidado os efeitos de diversas circunstâncias da vida. Dessa forma muitos são “médiums sem disto desconfiar”.

Dos comentários de Kardec, na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro, sobre os possessos de Morzine, transcrevemos o seguinte trecho:

[...] Pela natureza fluídica e expansão do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer agir, o cerca, o envolve, o penetra e o magnetiza. **O homem, vivendo no meio do mundo invisível, está incessantemente submetido a essas influências, como às da atmosfera que respira, e essa influência se traduz por efeitos morais e fisiológicos, dos quais não se dá conta, e que atribui, frequentemente, a causas inteiramente contrárias.** Esta influência difere naturalmente, segundo as qualidades boas ou más do Espírito, assim como explicamos no nosso precedente artigo. Este é bom e benevolente, a influência, ou querendo-se, a impressão, é agradável, salutar: é como as carícias de uma terna mãe que enlaça seu filho nos braços; se for mau e malevolente, ela é dura, penosa, ansiosa e, às vezes, malfazeja: ela

36 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 25.

não abraça, oprime. **Vivemos nesse oceano fluídico, incessantemente expostos às correntes contrárias, que atraímos, que repelimos, ou às quais nos entregamos,** conforme as nossas qualidades pessoais, mas no meio das quais os homens conservam sempre seu livre arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o seu caminho.

Isto, como se vê, é completamente independente da faculdade medianímica tal como é concebida vulgarmente. A ação do mundo invisível, estando na ordem das coisas naturais, se exerce sobre o homem, abstração feita de todo conhecimento espírita; a ela se está submetido como se o está à influência da eletricidade atmosférica, sem saber a física, como estar doente, sem saber a medicina. [...].

Todo indivíduo que sofre, de um modo qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium; mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa, que se chega a constatar a existência do mundo invisível, e pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, que se pôde esclarecer sobre a qualidade dos seres que a compõem, e sobre o papel que eles desempenham na Natureza; o médium fez pelo mundo invisível o que o microscópio fez pelo mundo dos infinitamente pequenos. ⁽³⁷⁾ (grifo nosso)

Na verdade, por estarmos em meio a um “mar de Espíritos” ou “oceano fluídico”, ninguém lhes escapa da influência, seja ela a dos bons ou a dos maus, motivo pelo qual Kardec concluiu: “isto, como se vê, é completamente independente da faculdade medianímica tal como é concebida vulgarmente”; ou seja, a questão do médium no sentido restrito reafirma, ao que nos parece, o fato de todos nós sermos médiuns no sentido amplo.

Vejamos agora as questões de **O Livro dos Espíritos**, do capítulo IX - Intervenção dos Espíritos no mundo corporal, nas quais encontraremos algumas coisas que vêm apoiar a nossa conclusão:

459. *Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?*

“Muito mais do que imaginais, pois frequentemente **são eles que vos dirigem.**”

460. *Além dos pensamentos que nos são próprios, haverá outros que nos sejam sugeridos?*

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que **muitos pensamentos vos ocorrem ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, frequentemente, bastante contraditórios.** Pois bem! **Neles há sempre um pouco de vós e um pouco de nós,** e é isso que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem.”

461. *Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?*

“Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que vos ocorrem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção, e muitas vezes é útil não sabê-la: o homem age mais livremente. Se decidir pelo bem, ele o fará com maior boa vontade; se tomar o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

489. *Há Espíritos que se ligam particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*

“Sim, o irmão espiritual. É o que chamais o *Espírito bom* ou o *gênio bom*.”

490. *Que se deve entender por anjo de guarda?*

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

“A de um pai com relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas aflições e encorajá-lo nas provas da vida.”

492. *O Espírito protetor liga-se ao indivíduo desde o seu nascimento?*

“Desde o nascimento até a morte. Muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espiritual, e mesmo por intermédio de muitas existências

corpóreas, já que tais existências não passam de fases bem curtas da vida do Espírito.”⁽³⁸⁾ (grifo nosso)

Essas abordagens, no tocante à influência dos Espíritos, se referem a todos nós, sem qualquer tipo de exceção; e se todo aquele que sofre algum tipo de influência dos Espíritos é um médium, então a única alternativa, que se nos apresenta, de forma até insofismável, é a de concluir que todos nós somos médiuns, pois, na face da Terra, não existe quem não sofra as suas consequências, ainda que de forma oculta.

Por outro lado, se todos temos um Espírito protetor, um anjo da guarda, no linguajar popular, então aí mesmo é que podemos dizer, de forma contundente, que todos nós somos médiuns.

Merecem destaque os comentários de Kardec à questão 524 de ***O Livro dos Espíritos***:

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência, que fazem ressoar em nosso íntimo. Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, **outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam**. Examine cada um as diversas

38 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 230/238-239.

circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os houvera escutado. ⁽³⁹⁾
(grifo nosso)

Fantástica a informação de que se não dermos ouvidos aos nossos Espíritos protetores, eles servem-se de pessoas que nos cercam para nos transmitir seus conselhos. E aí, quem não é médium mesmo?

Ora, se a função dos Espíritos protetores é ajudar-nos visando o nosso progresso espiritual, não haverá outra forma para ele, o nosso Espírito protetor, fazer isso senão exercendo a sua influência sobre nós: diretamente nos intuindo ou, como visto, através de outras pessoas.

Sobre esse ponto, vejamos, na **Revista Espírita 1858**, o que disse o Espírito São Luís, por intermédio do senhor C..., médium falante e vidente, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sessão do dia 12 de outubro de 1858, quando esclarecia sobre o suicídio:

[...] **O homem** deve seguir o impulso que lhe é dado; qualquer que seja a carreira que abrace, qualquer que seja a vida que conduza, **está sempre assistido por Espíritos que o conduzem e o dirigem com o seu desconhecimento; ora,**

39 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 249.

procurar ir contra os seus conselhos é um crime, uma vez que aí estão colocados para nos dirigir, e que esses bons Espíritos, quando queremos agir por nós mesmos, aí estão para nos ajudar. [...].

[...] Quando eu disse que o homem impelido ao suicídio, estava cercado de Espíritos que o solicitavam a isso, não falei dos bons Espíritos que fazem todos os esforços para disso desviá-lo; deveria estar subentendido; **todos sabemos que temos um Anjo guardião, ou, se preferis, um guia familiar.** Ora, o homem tem seu livre arbítrio; se, apesar dos bons conselhos que lhe são dados, persevera nessa ideia que é um crime, ele a cumpre e **é ajudado nisso pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam**, que ficam felizes em verem que ao homem, ou Espírito encarnado, também **lhe falta coragem para seguir os conselhos de seu bom guia, e, frequentemente, do Espírito de seus parentes mortos que o cercam, sobretudo em circunstâncias semelhantes.** ⁽⁴⁰⁾ (grifo nosso)

Podemos ainda corroborar essa afirmativa com um trecho que consta da instrução dos Espíritos na questão 495, de ***O Livro dos Espíritos***, assinada conjuntamente pelos Espíritos São Luís e Santo Agostinho. Leiamos-la:

[...] Cada anjo da guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai vela pelo

40 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 302-303.

filho. Alegria-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando seus conselhos são ignorados.

Não temais fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai sempre estar em relação conosco, pois assim sereis mais fortes e mais felizes. **São essas comunicações de cada homem com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem limites, para rechaçar a incredulidade e a ignorância.** [...]. ⁽⁴¹⁾ (grifo nosso)

Clara é a posição desses dois espíritos, que participaram ativamente da codificação Espírita, com base na qual, imaginamos, Kardec tenha formado a sua opinião, para dizer que “todos nós somos médiuns”.

Porém, se a compararmos com o que disse Erasto aí a coisa fica um pouco complicada; vejamos: “É, de resto, essa possibilidade de rejeição, própria da matéria, que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade na maioria dos que não são médiuns.” ⁽⁴²⁾

Para resolver o impasse, pois por aqui se tem a ideia de que nem todos são médiuns, deveremos tomar a sua explicação para tê-la no sentido restrito, não valendo, portanto, para aqueles que são médiuns no sentido

41 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 240-241.

42 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 212.

amplo. Isso o fazemos, apoiando-nos em Kardec.

Leiamos, na **Revista Espírita 1869**, um trecho do seu comentário intitulado “A Mediunidade e a Inspiração”, no qual ele analisa uma mensagem de Halévy (Espírito), recebida em Paris, pelo grupo Desliens, na data de 16 de fevereiro de 1869:

Sob suas formas variadas ao infinito, **a mediunidade abrange a Humanidade inteira**, como uma rede da qual nada pode escapar. **Todos estando diariamente em contato, quer o saiba ou não, quer queira ou com isso se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Eu não sou, eu não fui ou não serei médium.** Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual o vulgo dá o nome de *voz da consciência*, **cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num sentido ou num outro**, e, frequentemente simultaneamente, ora o bem puro, absoluto; ora os acomodamentos com o interesse; ora o mal em toda sua nudez. – O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu chamado, e ele escolhe; mas escolhe, entre essas diferentes inspirações e seu próprio sentimento. – Os inspiradores são os amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou de passagem, interessados ou verdadeiramente guiados pela afeição. ⁽⁴³⁾ (grifo nosso)

43 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 94-95.

Ressaltamos o trecho “não há um homem que possa dizer: Eu não sou, eu não fui ou não serei médium”; o que vem reforçar o que se tem dito a respeito do tema.

Em ***O Livro dos Médiuns***, pela publicação da Federação Espírita Brasileira - FEB, lemos:

Fora erro acreditar que alguém que precisa ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço; temo-los incessantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos, ou evitando-nos, conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela mais não é que um meio de comunicação. De acordo com o que dissemos acerca das causas de simpatia e antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que **devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito**, conforme é este graduado, ou degradedado. [...]. ⁽⁴⁴⁾ (grifo nosso)

Entendemos que “não é preciso ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível”, se refere à mediunidade no sentido restrito, uma vez que no amplo, todos nós a temos, pelo motivo de, sem exceção, todos estarmos sujeitos a influência dele.

44 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 306.

2 - Autores clássicos e modernos do Espiritismo

Não podemos deixar de trazer a esse nosso estudo a opinião de **Léon Denis** (1846–1927) ⁽⁴⁵⁾, que, em ***Depois da Morte***, assim afirmou:

Todos somos médiuns, é verdade; porém, em graus bem diferentes. Muitos o são e ignoram-no; mas **não há homem sobre quem deixe de atuar a influência boa ou má dos espíritos.** Vivemos no meio de uma multidão invisível que assiste, silenciosa, atenta, às minudências de nossa existência; participa, pelo pensamento, de nossos trabalhos, de nossas alegrias e de nossas penas. [...]. ⁽⁴⁶⁾ (grifo nosso)

Denis, o discípulo de Kardec, escreveu cerca de quinze obras Espíritas, considerava também que todos nós somos médiuns.

Provavelmente é sobre isso que o **Dr. Paul Gibier**

45 Léon Denis foi um filósofo, médium e um dos principais continuadores do Espiritismo após a morte de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne e Camille Flammarion. Foi o consolidador do Espiritismo. Não foi apenas o substituto e continuador de Allan Kardec, como geralmente se pensa. Denis tinha uma missão quase tão grandiosa quanto à do Codificador. Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, dar continuidade às pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no Mundo, aprofundar o aspecto moral da Doutrina e, sobretudo, consolidá-la nas primeiras décadas do século. Dentre as suas múltiplas ocupações, foi presidente de honra da União Espírita Francesa, membro honorário da Federação Espírita Internacional, presidente do Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, no ano de 1925. Teve também a oportunidade de dirigir, durante longos anos, um grupo experimental de

(1851-1900) ⁽⁴⁷⁾ se referia na obra **O Espiritismo**:

Somos todos – falamos segundo a teoria espírita – mais ou menos **médiuns**, mas muito poucos indivíduos possuem o poder **mediúnico** (ainda um neologismo) ou **medianímico, em grau suficiente para dar lugar a fenômenos evidentes**. ⁽⁴⁸⁾ (grifo do original)

Gibier, publicou quatro obras de suas pesquisas do fenômeno mediúnico, vê a mediunidade como um estado fisiológico que se apresenta em todos os seres, claro, que se refere à de forma ampla.

Em **O Fenômeno Espírita**, **Gabriel Delanne** (1857-1926) ⁽⁴⁹⁾, pesquisador de primeira linha, tendo publicado cerca de dez obras espíritas, assim nos explica:

A mediunidade não é um dom providencial, uma propriedade anormal, mas, simplesmente, **um estado fisiológico que se apresenta em todos os seres**, poderíamos citar casos numerosos,

Espiritismo, na cidade francesa de Tours.
(<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Leon%20Denis%20Livros/Leon%20Denis%20Livros.htm>)

46 DENIS, *Depois da Morte*, p. 179.

47 O Doutor Paul Gibier um dos sábios pesquisadores da fenomenologia espírita no século XIX, membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, foi médico, diretor do Laboratório de Patologia Experimental e Comparada do Museu de História Natural de Paris, aluno predileto de Louis Pasteur, ex-interno dos Hospitais de Paris, condecorado pela Faculdade de Medicina de Paris pela apresentação de tese sobre a raiva, incumbido pelo governo francês de estudar na França e no Exterior várias epidemias de “cólera-morbo” e de febre amarela, diretor do Instituto Bacteriológico de

atentados por grande número de testemunha a respeito da levitação de certas personagens. ⁽⁵⁰⁾
⁽⁵¹⁾ (grifo nosso)

Delanne tem a mesma opinião, ou seja, para ele todos nós somos médiuns.

A distinção da mediunidade em ampla e restrita, bem como o fato de que todos somos médiuns, são pontos que podem ser corroborados com **Herculano Pires**, que, em **Mediunidade: Vida e Comunicação**, disse o seguinte:

[...] Kardec notou a generalização da mediunidade e os espíritos o socorreram, como se vê no *Livro dos Médiuns*, com uma especificação curiosa. **Temos assim duas áreas de função mediúnica.** A primeira corresponde à **mediunidade natural**, que **todos os seres humanos possuem**, e a segunda corresponde à **mediunidade de compromisso**, ou seja, de médiuns investidos espiritualmente de poderes mediúnicos para finalidades específicas na

(Instituto Pasteur) de Nova Iorque, membro da Academia de Ciências de Nova Iorque, Cavaleiro da Legião de Honra. (<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier.htm>)

48 GIBIER, *O Espiritismo*, p. 32.

49 Na *Revista Espírita 1865*, temos a seguinte fala de Kardec:

“O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho com a idade de oito anos. Esse menino que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que frequentemente assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os

encarnação. Como Kardec mencionou a existência de médiuns elétricos e várias vezes comparou a mediunidade com a eletricidade, surgiu mais tarde entre alguns estudiosos, entre os quais Crawford, a ideia de uma divisão mais explícita, com a designação de **mediunidade estática** e **mediunidade dinâmica**. **A primeira corresponde à mediunidade natural, que todos possuem e permanece geralmente em estase, com manifestações moderadas e quase imperceptíveis. A segunda corresponde à mediunidade ativa, que exige desenvolvimento e aplicação durante a vida do médium.** ⁽⁵²⁾ (grifo nosso)

Em Kardec temos a separação entre mediunidade no sentido restrito e no sentido amplo, o que Herculano Pires interpretou como mediunidade estática e mediunidade dinâmica.

Um pouco mais à frente, continua Herculano Pires:

[...] **A mediunidade estática** não é propriamente uma forma de energia que

princípios. Isto nada tem de surpreendente, uma vez que é o eco das ideias nas quais foi embalado, também não é o objetivo desse artigo; o que o trouxe na matéria do fato que vamos reportar, é que tem seu propósito nas circunstâncias atuais. As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias e mantidas com uma ordem perfeita, como devem ser todas aquelas às quais se quer fazer tirar frutos. [...] Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão nas condições desejadas para levar a convicção pela impressão que elas produzem. [...] O filho do Sr. Delanne se associa frequentemente a essas manifestações, e influenciado pelo bom exemplo, as considera como coisa séria.” (KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 323-324)

50 Nota da transcrição: Veja **de Rochas**: “A Levitação”.

permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se, projetar-se e entrar em relação com outros espíritos. **A Parapsicologia atual confirmou a tese espírita das relações telepáticas permanentes na vida social. Nossa mente funciona**, segundo acentua John Ehrenwald em seu estudo sobre relações interpessoais, **como ativo centro emissor e receptor de pensamentos. Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com espíritos.** [...]. ⁽⁵³⁾ (grifo nosso)

Por acreditarmos que sim, foi que desenvolvemos o texto “Mediunidade: percepção da psique humana”, que, caso haja interesse por parte do nosso leitor, poderá ser lido em nosso site www.paulosnetos.net, na categoria “Artigos e Estudos” ⁽⁵⁴⁾.

Em ***O Centro Espírita***, Herculano Pires, esclarece:

O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos Centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os

51 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 70.

52 PIRES, *Mediunidade: Vida e Comunicação*, p. 18.

53 PIRES, *Mediunidade: Vida e Comunicação*, p. 19.

54 Link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/365-mediunidade-percepo-da-psique-humana>

médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. **A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades. Toda criatura humana é naturalmente dotada de mediunidade. Kardec observou a existência da mediunidade generalizada.** Mas a mediunidade manifesta-se nas criaturas em diferentes graus de desenvolvimento. **Todos somos médiuns, todos possuímos o que hoje se chama de percepção extrassensorial, segundo a terminologia parapsicológica.** É natural que os que revelam graus mais intensos de mediunidade, prestando-se por isso a trabalhos mediúnicos, sejam especificamente designados como médiuns, da mesma maneira por que todos possuímos inteligência, mas só os que possuem em grau excepcional são designados como “uma inteligência”, merecendo os louvores e o respeito dos que não atingiram esse grau. ⁽⁵⁵⁾ (grifo nosso)

Herculano Pires é claro e preciso, além disso diz que Kardec “observou a existência da mediunidade generalizada”, ou seja, todos a possuem.

Acreditamos ser oportuno trazer outra fala de Herculano Pires, por ser mais explícita; encontramos-na na obra ***O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade***:

55 PIRES, *O Centro Espírita*, p. 29.

[...] O espiritismo está cheio de razão ao dizer que **a mediunidade é uma condição natural do homem na Terra, a mediunidade é uma faculdade humana natural: todos nós a possuímos** e aqueles que conseguem desenvolvê-la pelo seu aprimoramento mediúnicamente, pelo desenvolvimento da sua sensibilidade e ao mesmo tempo conseguem empregá-la em favor do próximo, através da sua abnegação e, portanto, da sua evolução moral, realiza na terra hoje diante de nós, diante dos nossos olhos, aquilo que os apóstolos de Jesus realizaram no seu tempo e aquilo que os profetas bíblicos já realizavam nos tempos antigos do Velho Testamento. [...]. ⁽⁵⁶⁾ (grifo nosso)

Herculano Pires, portanto, confirma ser a mediunidade algo da natureza humana, razão pela qual todos a temos em germe, ou, em outras palavras, a possuímos no sentido restrito.

Por termos usado um exemplar de ***O Livro dos Médiuns*** traduzido por Herculano Pires, seria oportuno também colocarmos a sua opinião manifestada em uma das notas de rodapé:

A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extrassensoriais, sonhos

56 PIRES, *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade*, p. 45.

premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. [...]. ⁽⁵⁷⁾ (grifo nosso)

Herculano Pires está, mais uma vez, confirmando que a mediunidade é uma faculdade humana, conforme já foi dito por várias vezes no decorrer deste estudo.

3 - Obras de cunho mediúnico

Da obra *Missionários da Luz*, psicografia de Chico Xavier (1910–2002), transcrevemos do diálogo de André Luiz com seu **instrutor Alexandre**:

– O Espiritismo cristão é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, e a mediunidade constitui um dos seus fundamentos vivos. **A mediunidade, porém, não é exclusiva dos chamados “médiuns”. Todas as criaturas a possuem**, porquanto, significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. [...]. ⁽⁵⁸⁾ (grifo nosso)

– Aqui, André, observa você o trabalho simples da transmissão mental e não pode esquecer que **o intercâmbio do pensamento é movimento livre no Universo. Desencarnados e encarnados, em todos os setores da atividade terrestre, vivem**

57 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 183.

58 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 32.

na mais ampla permuta de ideias. Cada mente é um verdadeiro mundo de emissão e recepção e cada qual atrai os que se lhe assemelham. Os tristes agradam aos tristes, os ignorantes se reúnem, os criminosos comungam na mesma esfera, os bons estabelecem laços recíprocos de trabalho e realização. Aqui temos **o fenômeno intuitivo, que, com maior ou menor intensidade, é comum a todas as criaturas**, não só no plano construtivo, mas também no círculo de expressões menos elevadas. [...]. ⁽⁵⁹⁾ (grifo nosso)

O Interessante é que além de se confirmar, que todos nós possuímos a mediunidade, também está considerando que o “fenômeno intuitivo é comum a todas as criaturas”, e que “os encarnados e desencarnados vivem na mais ampla permuta de ideias”, isso só corrobora a mediunidade como sendo algo generalizado mesmo.

Ainda, nessa obra, um pouco mais à frente, continua o diálogo entre os dois personagens:

[...] depois de obter a permissão de Alexandre para acompanhá-lo ao trabalho, interroguei-o com a curiosidade de sempre:

– Todo obsidiado é um médium, na acepção legítima do termo?

O instrutor sorriu e considerou:

– **Médiuns, meu amigo, inclusive nós outros, os desencarnados, todos o somos, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhido nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio.** O obsidiado, porém, acima de médium de energias perturbadas, é quase sempre um enfermo, representando uma legião de doentes invisíveis ao olhar humano. Por isto mesmo, constitui, em todas as circunstâncias, um caso especial, exigindo muita atenção, prudência e carinho. ⁽⁶⁰⁾ (grifo nosso)

Estende a mediunidade como algo inerente também aos espíritos desencarnados.

Não podemos deixar de mencionar que na obra **Nos Domínios da Mediunidade** há um artigo, que lhe serve de introdução, intitulado “Raios, ondas, médiuns, mentes...”, datado de 03 de outubro de 1954, no qual **Emmanuel**, o mentor de Chico Xavier, afirma:

E, na grande rotagem, **todos somos instrumentos das forças com as quais estamos em sintonia. Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio**, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitiva ou

60 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 297.

torturada. ⁽⁶¹⁾ (grifo nosso)

Portanto, Emmanuel, claramente, corrobora a informação constante das obras da série “André Luiz” de que todos somos médiuns.

Acreditamos que é exatamente isso que, ainda nessa obra, também foi dito por **Áulus** quando orienta aos dois aprendizes - André Luiz e Hilário -, nestes termos:

A mediunidade é um dom inerente a todos os seres humanos, como a faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintoniza. ⁽⁶²⁾ (grifo nosso)

Ainda podemos corroborar com outra obra da série André Luiz, no caso, ***Evolução em Dois Mundos***, capítulo XVII - Mediunidade e corpo espiritual, psicografado por Waldo Vieira (1932-2015), no qual o próprio André Luiz esclarece que:

A mediunidade, no entanto, **é faculdade inerente à própria vida** e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos

61 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 11.

62 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 51.

infortúnios na Terra. ⁽⁶³⁾ (grifo nosso)

Em **Mecanismos da Mediunidade**, capítulo XI – Onda mental, psicografado por Waldo Vieira, André Luiz nos remete a uma informação, segundo a qual fica fácil entender a possibilidade de todos nós sermos influenciados uns pelos outros, quer estejamos encarnados ou não. Leiamos:

Reconhecemos que **toda criatura dispõe de oscilações mentais próprias, pelas quais entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas que se lhe afinem com as inclinações de desejos, atitudes e obras**, no quimismo inelutável do pensamento. ⁽⁶⁴⁾ (grifo nosso)

Isso, se não estamos sendo pretensioso demais, concilia-se com a definição ampla que propomos, mais no início deste estudo.

Em **Momentos de Consciência**, de autoria de **Joanna de Ângelis**, através da psicografada por Divaldo P. Franco, do capítulo 19 – Consciência e Mediunidade, destacamos o seguinte trecho:

A mediunidade, que vive latente no

63 XAVIER, *Evolução em Dois Mundos*, p. 136.

64 XAVIER, *Mecanismos da Mediunidade*, p. 88.

organismo humano, aprimora-se com o contributo da consciência de responsabilidade, e mediante a atenção que o exercício da sua função bem direcionada lhe conceda.

Faculdade da consciência superior, ou Espírito imortal, reveste-se dos órgãos físicos que lhe exteriorizam os fenômenos no mundo das manifestações concretas.

Não é sintomática de evolução, às vezes constituindo-se carreiro de aflições purgadoras, que se apresenta com a finalidade específica de convidar a criatura ao reajuste moral perante os códigos das Soberanas *Leis de Deus*.

Quando a consciência lhe identifica a finalidade superior e resolve-se por incorporá-la ao seu cotidiano, esplendem-se possibilidades imensas de realização e crescimento insuspeitados.

A mediunidade é ponte valiosa unindo os hemisférios da vida e da morte físicas, eliminando distâncias e preenchendo o fosso separatista entre ambos existente. ⁽⁶⁵⁾ (grifo em itálico do original, negrito nosso)

Joanna de Ângelis, apesar do linguajar um tanto quanto rebuscado, mais parecendo o de um “acadêmico”, afirma ser a mediunidade uma faculdade orgânica, conseqüentemente, todos a possuem.

Em 10 de julho de 2000, na cidade de Paramirim,

65 FRANCO, *Momentos de Consciência*, p. 63-64.

Bahia, Divaldo Franco, psicografou a mensagem “Sintomas de Mediunidade”, ditada por **Manoel Philomeno de Miranda**, da qual destacamos:

A mediunidade é faculdade inerente a todos os seres humanos, que um dia se apresentará ostensiva mais do que ocorre no presente momento histórico.

À medida que se aprimoram os sentidos sensoriais, favorecendo com mais amplo cabedal de apreensão do mundo objetivo, **amplia-se a embrionária percepção extrafísica, ensejando o surgimento natural da mediunidade.**

Não poucas vezes, **é detectada por características especiais que podem ser confundidas com síndromes de algumas psicopatologias** que, no passado, eram utilizadas para combater a sua existência.

Não obstante, graças aos notáveis esforços e estudos de Allan Kardec, bem como de uma plêiade de investigadores dos fenômenos paranormais, a mediunidade vem podendo ser observada e perfeitamente aceita com respeito, face aos abençoados contributos que faculta ao pensamento e ao comportamento moral, social e espiritual das criaturas. ⁽⁶⁶⁾ (grifo nosso)

Manoel Philomeno já é bem claro que Joanna de Ângelis, em sua fala que “a mediunidade é faculdade

66 FRANCO, *Sintomas de Mediunidade*, jornal Mundo Espírita, mar/2001.

inerente a todos seres humanos”.

Da obra **Tormentos da Obsessão**, capítulo Experiências Gratificadora, tomemos esta explicação de **Eurípedes Barsanaulfo** a Manoel Philomeno de Miranda e Alberto:

Todas as criaturas terrestres – Espíritos reencarnados que são – possuem percepção mediúnica, que o futuro se encarregará de estudar com seriedade, a fim de ser utilizada com elevação, tornando-se um sentido a mais que será conquistado a pouco e pouco, lentamente incorporando-se aos demais sensoriais. **O eminente Codificador informou que a mediunidade radica-se no organismo**, sendo, portanto, uma conquista do processo evolutivo para facilitar o crescimento do Espírito, que no corpo imprimiu essa função. Aqueles, portanto, que **são portadores de capacidade ostensiva** e se comprometeram antes do berço em vitalizá-la pelo exemplo de honradez e abnegação, quando se entregaram ao uso indevido das forças de que eram portadores, ataram-se a infelizes adversários pessoais, assim como do Bem, que lutam milenarmente para a instalação da loucura no mundo. [...]. ⁽⁶⁷⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Aqui temos a mediunidade como faculdade

67 FRANCO, *Tormentos da Obsessão*, p. 136-137.

pertencente “a todas as criaturas terrestres – Espíritos reencarnados”. Faz alerta aos que a tem ostensivamente, ou seja, de forma restrita, o que, certamente, se presume que, em contrapartida, existe a mediunidade ampla, é o que, para nós, ficou claro com o que já colocamos.

Reportaremos também ao espírito **Bezerra de Menezes**, que a uma certa altura da mensagem intitulada Advertência constante de **Dramas da Obsessão**, datada de 14 de março de 1964, assim disse:

Sabido é, entre espíritas fiéis aos seus princípios, que todos os homens são médiuns, ou, pelo menos, possuem a possibilidade de se deixarem influenciar pelas individualidades invisíveis, sejam estas esclarecidas, medíocres ou inferiores. Todavia, sabido será também que mais depressa a individualidade humana se permitirá envolver-se com as últimas que com as primeiras. [...]. ⁽⁶⁸⁾ (grifo nosso)

Antes de encerrar nosso estudo seria de bom tom que pudéssemos responder a uma eventual pergunta: deveremos tentar desenvolver a nossa mediunidade? Essa questão será respondida num capítulo um pouquinho mais à frente.

68 PEREIRA, *Dramas da Obsessão*, p. 7.

Um bom exemplo de ser médium sem o saber

Não há a menor dúvida de que milhares de pessoas ligadas às incontáveis crenças religiosas, espalhadas mundo afora, são médiuns sem o saber, porquanto, como ficou claro, a mediunidade é uma faculdade humana e os Espíritos, via de regra, nos dirigem.

O próprio Kardec é um bom exemplo de “ser médium sem o saber”, conforme iremos, na sequência, demonstrar.

Na **Revista Espírita 1861**, encontramos o discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, ocorrido em 14 de outubro de 1861, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, **fui ajudado pelos Espíritos**, assim como eles me disseram várias vezes, **mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra**, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. [...]. ⁽⁶⁹⁾
(grifo nosso)

Algum tempo depois, Kardec confirma isso:

69 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 340.

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, – em outros tempos eu teria dito: como por encantamento; – de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. ⁽⁷⁰⁾

Acreditamos que aqui Kardec avança mais um pouco quando diz “além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas”, demonstrando, que, na prática, os Espíritos lhe transmitiam pensamentos ligados aos assuntos que tratava.

A prova disso, vamos encontrá-la na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, no relato do diálogo com o

70 KARDEC, *Revista Espírita* 1867 p. 274.

espírito Pierre Le Flamand, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. – R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... **Ah! ele nos melhora bem.** [...].

48. Estava só? - R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas **havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.**



Kardec e os Espíritos que murmuravam

49. **Ele os ouvia?** – R. **Ouvia-os**, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. – O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? – R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele, e com isso parecia contente.
(⁷¹) (grifo nosso)

Muito interessantes saber que, em relação aos Espíritos que estavam em sua casa, Kardec “nos melhora bem” e “havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia, demonstrando, por conseguinte que Kardec era, de fato, médium.

Mas qual tipo de mediunidade que o Codificador possuía, de inspiração ou intuição? De **O Livro dos Médiuns**, tomemos esta definição, que irá nos ajudar a definir:

Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em que estes últimos não precisam escrever, ao passo que **o médium**

71 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 119-120.

intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado. (Nº 180.) ⁽⁷²⁾ (grifo nosso)

Assim, entendemos que, s.m.j., **Kardec era médium intuitivo**, uma vez que ele escrevia o que os Espíritos lhe sopravam.

E como médiuns de inspiração, somos todos nós, pois, como já dito, não há ninguém que não sofra algum tipo de influência dos Espíritos, ainda que não o perceba: “frequentemente são eles que vos dirigem”. ⁽⁷³⁾

Ademais, todos nós estamos “ligados” aos nossos anjos da guarda, e como bem disse São Luís e Santo Agostinho, conforme já vimos: “São essas comunicações de cada homem como o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde [...]”. ⁽⁷⁴⁾

Surgiu-nos a ideia de que artistas, compositores, escritores, oradores, escultores, desenhistas, pintores, etc., em grande parte, senão todos, são médiuns intuitivos.

A nossa surpresa, quanto a isso, foi constatar que

72 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 243-244.

73 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 459, p. 230.

74 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 495, p. 240-241.

Gabriel Delanne, respeitável pesquisador do Espiritismo, também pensava assim.

Em **O Espiritismo Perante a Ciência**, ao comentar sobre a mediunidade intuitiva, a certa altura Delanne disse:

O que os artistas, os escritores, os oradores chamam inspiração é ainda uma prova da intervenção dos Espíritos, que nos influenciam para o bem e para o mal, mas ela é antes obra daqueles que nos desejam o bem e cujos bons conselhos frequentemente cometemos o erro de não seguir; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar; **sob esse ponto de vista, pode-se dizer que todos somos médiuns**. Se estivéssemos bem compenetrados desta verdade, teríamos muitas vezes recorrido à inspiração dos guias nos momentos difíceis da vida. ⁽⁷⁵⁾ (grifo nosso)

E veja, caro leitor, o que se lê no parágrafo imediatamente anterior:

Todos somos, mais ou menos, médiuns intuitivos. Quem já não sentiu, na calma profunda de uma bela noite, essas influências misteriosas e benfazejas que confortam o coração? **Donde vêm esses pensamentos tão doces**, esses sonhos encantadores, essas aspirações para o ideal que

75 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 339.

experimentamos em certas épocas da vida? **Eles nos são inspirados pelos entes amados que nos rodeiam**, que nos cercam com sua solicitude, e que se sentem felizes quando nos veem seguir os conselhos que nos insinuam. ⁽⁷⁶⁾ (grifo nosso)

Delanne, portanto, corrobora que todos nós somos médiuns, o que, a nosso ver, não é tão difícil assim de entender, ainda que alguns confrades, insistentemente, venham a negar isso.

Mas será que, em relação aos fenômenos de efeitos físicos, não se poderia também dizer que todos somos médiuns? Quem irá nos responder essa intrigante questão é o escritor Arthur Conan Doyle (1859–1930), na sua obra ***História do Espiritismo***, afirma que:

Crawford deu grande importância à correspondência entre o peso do ectoplasma emitido e a perda de peso do médium. **Suas experiências parecem mostrar que todos são médiuns; que cada um perde peso numa sessão de materialização**, e que o médium principal apenas difere dos outros pela circunstância de poder desprender muito maior quantidade de ectoplasma. ⁽⁷⁷⁾

Amplia-se, portanto, as ocorrências que apontam na direção de se comprovar que, de fato, todos nós somos médiuns.

76 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 339.

77 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 359.

Agora, sim, no próximo capítulo, analisaremos, como prometido, se é conveniente desenvolvermos a mediunidade.

Deve-se provocar o desenvolvimento da mediunidade?

A resposta é que não seria conveniente, uma vez que é melhor deixar que o seu desenvolvimento siga o curso natural das coisas.

Kardec, falando especificamente a respeito da vidência, respondeu a uma pergunta semelhante; leiamos em ***O Livro dos Médiuns***:

a) Essa faculdade pode desenvolver-se pelo exercício?

– Pode, como todas as outras faculdades. Mas **é daquelas cujo desenvolvimento natural é melhor do que o provocado**, quando corremos o risco de sobre-excitar a imaginação. A visão geral e permanente dos Espíritos é excepcional e não pertence às condições normais do homem. ⁽⁷⁸⁾
(grifo nosso)

Ao colocar a faculdade de ver os espíritos como pertencente ao número “daquelas cujo desenvolvimento natural é melhor”, fácil concluir que considerava, também em relação a outras, ser prudente esperar que surjam naturalmente, embora não as tendo nominado. A razão

78 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 93.

disso ele atribuiu à possibilidade de sobre-excitar a imaginação.

O estudioso Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), em ***Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos***, disse:

E mais: **“até que você tenha dominado todos os seus temores, adie a tentativa de desenvolver sua mediunidade”**. O conselho se resume em estudar mais, antes de tentar.

Por outro lado, o desenvolvimento da mediunidade é igual ao desenvolvimento de qualquer outra faculdade; que **todos somos médiuns em estado potencial**; que em algumas pessoas o fenômeno se opera espontaneamente, porque tanto o mecanismo da mente como o do corpo são adaptáveis, enquanto que outros precisam de certo tratamento.

Seus conselhos são oportunos e o livro os oferece a cada passo, como, por exemplo: se o leitor deseja tornar-se médium apenas para “passar o tempo”, estará simplesmente abrindo a porta a outros desperdiçadores de tempo como ele mesmo. **Ao se tornar sensível ao pensamento dos Espíritos, o médium aumenta sua sensibilidade com relação às pessoas encarnadas**. Acresce que ao atingir a notoriedade, o médium se encontrará rodeado de pessoas invejosas que experimentarão certo ressentimento pelo fato de que, de certa forma, o médium é diferente delas. O risco aí é grande, pois, como

adverte o autor, se o médium “é mesquinho, bestial, vingativo ou invejoso” precisa também compreender que “a lei da atração dos semelhantes é suprema no mundo do pensamento”; nessas condições, atrairá Espíritos idênticos que o deixarão inteiramente desorientado. ⁽⁷⁹⁾ (grifo nosso)

Confirma-se, portanto, o que encontramos na Codificação, além de ser mais explícito quanto à inconveniência do desenvolvimento provocado.

Já no final desse capítulo, julgamos oportuno trazer a opinião do espírito Bezerra de Menezes, para os que pensam em provocar o desenvolvimento da sua mediunidade.

Vejamos o que se pode ler no livro **Recordações da Mediunidade**, de autoria da médium Yvonne A. Pereira (1900–1984):

Os ensinamentos contidos nos códigos espíritas, **a advertência dos elevados Espíritos que os organizaram e a prática do espiritismo demonstram que nenhum indivíduo deverá provocar, forçando-o, o desenvolvimento das suas faculdades mediúnicas**, porque tal princípio será contraproducente, ocasionando novos fenômenos psíquicos e não propriamente espíritas, tais como a autossugestão ou a sugestão exercida

79 MIRANDA, *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*, p. 172-173.

por pessoas presentes no recinto das experimentações, a hipnose, o animismo, ou personismo, tal como o sábio dr. Alexandre Aksakof classifica o fenômeno, distinguindo-o daqueles denominados “efeitos físicos”. **A mediunidade deverá ser espontânea por excelência**, a fim de frutescer com segurança e brilhantismo, e será em vão que o pretendente se esforçará por atraí-la antes da ocasião propícia. Tal insofridez redundará, inapelavelmente, repetimos, em fenômenos de autossugestão ou o chamado animismo, isto é, **a mente do próprio médium criando aquilo que se faz passar por uma comunicação de Espíritos desencarnados**. Existem mediunidades que do berço se revelam no seu portador, e estas são as mais seguras, porque as mais positivas, frutos de longas etapas reencarnatórias, durante as quais os seus possuidores exerceram atividades marcantes, assim desenvolvendo forças do Perispírito, sede da mediunidade, vibrando intensamente num e noutro setor da existência e assim adquirindo vibratilidades acomodáticas do fenômeno. Outras existem ainda em formação (forças vibratórias frágeis, incompletas, os chamados “agentes negativos”), que jamais chegarão a se adestrar satisfatoriamente numa só existência, e que se mesclarão de enxertos mentais do próprio médium em qualquer operosidade tentada, dando-se também a possibilidade até mesmo da pseudoperturbação mental, ocorrendo então a necessidade dos estágios em casas de saúde e hospitais psiquiátricos se se tratar de indivíduos desconhecedores das ciências psíquicas. Por outro lado, esse tratamento será balsamizante e até

necessário, na maioria dos casos, visto que tais impasses comumente sobrecarregam as células nervosas do paciente, consumindo ainda grande percentagem de fluidos vitais, etc., etc. [...]. (a) Adolfo Bezerra de Menezes. ⁽⁸⁰⁾ (grifo nosso)

Sentimo-nos no dever de apresentar esse alerta, para evitar que pessoas desejosas de “possuir” a mediunidade na forma ampla, ao lerem o que aqui colocamos, se sintam incentivadas a buscar o seu desenvolvimento mediúnico e, com isso, acabem trazendo prejuízos psíquicos a si mesmas, cuja responsabilidade poderia cair sobre nossa cabeça, caso não o fizéssemos.

80 PEREIRA, *Recordações da Mediunidade*, p. 19-20.

Conclusão

Concluimos que todos nós somos médiuns, sim, pois não há uma só pessoa que não receba influência dos espíritos; na pior das hipóteses, em duas situações: em uma delas, a do seu anjo da guarda; na outra, é a que acontece durante os momentos de emancipação da alma, quando um encarnado se comunica com os Espíritos que lhe são simpáticos, conforme aqui demonstramos ambos os casos.

Obviamente, que nosso modo de pensar pode não ser comungado por alguns companheiros espíritas, o que, acreditamos, certamente, acontecerá; porém, por coerência, continuaremos respeitando a liberdade de cada um ter a sua própria opinião.

E para terminar não podemos deixar também de mencionar que é muito comum pessoas, geralmente que não têm um conhecimento doutrinário mais aprofundado, colocarem os médiuns, já experientes no labor mediúnico, no alto de um pedestal, tomando-os como se fossem pessoas especiais, quando, na verdade, não é bem isso, conforme se lê em ***Emmanuel - Dissertações mediúnicas***:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizos e de erros clamorosos. Quase sempre, são espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas, que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia. ⁽⁸¹⁾ (grifo nosso)

Que os próprios médiuns não se coloquem em evidência e exerçam sua atividade mediúnica com muita humildade, não se deixando embalar pelos mimos desses companheiros. Ademais, que não devem se esquecer da advertência do Mestre Jesus de que *“àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido”* (Lucas 12,48).

Referências bibliográficas

- DELANNE, G. *O Espiritismo Perante a Ciência*. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- DELANNE, G. *O Fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro: 1977.
- DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DOYLE, A. C. *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1990.
- FRANCO, D. P. *Momentos de Consciência*. (PDF) Salvador: LEAL, 2007.
- FRANCO, D. P. *Sintomas de Mediunidade*, jornal Mundo Espírita nº 1400, mar/2001.
- FRANCO, D. P. *Tormentos da Obsessão*. Salvador: LEAL, 2001.
- GIBIER, P. *O Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *Iniciação Espírita*. São Paulo: Edicel, 1986.
- KARDEC, A. *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*. (PDF) Rio de Janeiro: FEB, 1978 (?).
- KARDEC, A. *Instruções práticas sobre a manifestação dos Espíritos*. In: *Iniciação Espírita*. São Paulo: Edicel, 1986.
- KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.

- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras, SP: IDE, 2001.
- MIRANDA, H. C. *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- PEREIRA, Y. A. *Dramas da obsessão*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PEREIRA, Y. A. *Recordações da Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- PIRES, J. H. *Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1987.
- PIRES, J. H. *O Centro Espírita*. (PDF) São Paulo: Paideia, 2000.
- PIRES, J. H. *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade*. São Paulo: Paideia, 2016.
- XAVIER, F. C. *Emmanuel – Dissertações mediúnicas*. FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Evolução em dois mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Mecanismos da mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. *Missionário da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. *Nos domínios da mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- Capa:

<http://www.inspirationalwords.org/wp-content/uploads/2011/02/8259686.jpg>

Imagem: Kardec e os espíritos: <http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUbjs/TZPDQJ-x1fl/AAAAAAAAAJ0/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>. Acesso em: 05 fev. 2019.

Léon Denis: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Leon%20Denis%20Livros/Leon%20Denis%20Livros.htm>. Acesso em 10 fev. 2019.

Paul Gibier: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier.htm>. Acesso em 10 fev. 2019.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87. Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web, entre eles:

- **O Portal do Espírito:** <http://www.portalespirito.com/paulosns/paulosns.htm>
- **Geec:**
<http://www.geec.org.br/portal/index.php/articulas/paulo-neto-estudos-espíritas-e-bíblicos>
- **Era do Espírito:**
http://www.aeradoespirito.net/ArtigosPN/INDICE_ArtigosPN.html

Autor dos livros: a) impressos: 1) A Bíblia à Moda da Casa, 2) Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? 3) Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, 4) Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, 5) As Colônias Espirituais e a Codificação e 6) Kardec & Chico: dois missionários; b) Ebook: 1) Racismo em Kardec?, 2) A Reencarnação tá na Bíblia, 3) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem), 4) Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso, 5) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina, 6) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores? 7) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta, 8) Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo espírito? e 9) A mulher na Bíblia.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Tel.: (31) 3296-8716